

Um colóquio em Lisboa

Devemos construir a nossa morte como construímos a nossa vida

A morte e o amor têm a mesma natureza mágica. Morre-se e amase com idêntico estertor, idêntica dimensão, idêntico absoluto. Os que amam bem, falecem bem; os que, perante a vida, não geram afectividade, não encontram, perante a morte, apaziguamento.

Estas foram algumas das linhas de água levantadas no colóquio «A morte vista por», que na passada semana decorreu em Lisboa, sob a direcção do prof. Carlos Amaral Dias, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra.

Fernando Dacosta

A nossa morte não existe. Só existe a que podemos ver consultar, a dos outros. Para nós, assim, apenas rola a imaginação dela, através dos rituais que lhe conhecemos, que lhe interpretamos.

«A morte não sei nada. É um mito, é uma fantasia», dir-nos-á o dr. João dos Santos, presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, director do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa e professor da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. «A fim de todos estes anos eu não sei definir.» Apenas sabe da diferença entre o que sentimos quando morre alguém que nos é querido ou alguém que não nos é querido. «A morte é, sobretudo, aquilo que a Medicina, que eu considero, não dá nada serve.» Por isso «falo da minha morte, que é equivalente à da maior parte das pessoas que tenho visto morrer». Ela é feita de fantasia, albergada num substrato muito vago; tenho indícios do que é, mas falta-me ver a construção. Falar da morte pode ser falar da passagem, falar da angústia do desconhecido, só que cada um de nós faz da angústia uma coisa diferente.

Ainda hoje elas são mortas

Antes da era da escrita, a morte não era vista como um acontecimento natural, sublinhar-nos-á, dias depois, o dr. Carreira das Neves, dominicano no Hospital de Jesus e professor da Universidade Católica Portuguesa. «Era, antes, a consequência dum ataque diam ser sobrenatural mau». Os mais velhos clamavam e iam para o pai dos mortos a fim de serem lidos aos recém-nascidos. A divindade da morte aparecia e levava os mortos consigo. Os ritos funerários desses primitivos implicam ou uso de fechar o mariz, as orelhas, os olhos e a boca aos cadáveres para impedir que a alma fuja do corpo — costume ainda hoje praticado.

«Nalgumas tribos da Ásia e da África os cadáveres dos escravos e da gente comum eram lançados aos animais ferozes para que os seus espíritos não pudessem voltar à terra.» Mas na maioria dos cultos antigos os corpos dos defuntos são devidamente protegidos e rodeados de honrarias, a começar pela disposição das tumbas. Deste modo, o seu espírito podia habitar junto do corpo sem ser perturbado, ou então tentava impedir-se a morte definitiva do defunto — é esta última ideia que preside à arquitectura das grandes pirâmides egípcias.

Ainda hoje, nas ilhas Fiji, se o morto é um chefe tribal, as mulheres devem seguir para a morte com ele, para o servir, sendo estranqueadas e por vezes até mesmo mortas. Sabemos que nos reis citas (500 AC) foram enterrados juntamente com as suas mulheres, escravos e cavaleiros. Na Índia era costume, até há pouco, as mulheres lançarem-se nas pirâmides fúnebres dos maridos para que a morte não os separasse.



Médicos, psicólogos, religiosos, sociólogos, historiadores, filósofos, enfermeiros, escritores, estudantes, jornalistas, acorrem, de vários pontos do país, ao colóquio realizado a semana passada em Lisboa sobre a nossa relação com a morte

Morre-se por falta de amor

Hoje continua a morrer-se, entre nós, de amor. De falta de amor. Como sempre se morreu — se morrerá, já que ele é o milagre da vida, da criação, da dádiva. O bloqueamento da sexualidade (no seu sentido lato) é co-responsável pela angústia, pelo pavor da morte de milhões de pessoas.

«O erotismo está ligado a angústia. Ora a angústia, segundo Freud, é um aspecto diferenciado do amor. Não amamos insatufetito.» «Necessitamos de relações significativas de contacto íntimo com os outros, destacaria, na Gulbenkian, o dr. Coimbra de Matos, psicanalista, «tanto ou mais do que precisamos de cuidados físicos ou de alimento, como provam as observações acerca dos efeitos negativos provocados pelas carências afectivas nos primeiros anos de vida.»

Com frequência, alguns apaixonados infelizes e certos jovens deficientes, definham fisicamente, caem em prostração e succumbem. A literatura, a arte, até cheias delas, dos seus casos-limite, num imaginário de perturbação e fascínio.

A morte, aliás, fascina-nos também. Exercer-nos, simultaneamente, pânico, ternura (a

prelúdio, no Amor de Perdido, no Remeu e Julietta...

A morte tem um sentido vital, sagrado, gerador de vida. Como o amor. (dr. António Vaz Pinto, professor do Instituto Superior de Estudos Teológicos de Coimbra e director do Centro Universitário Manuel da Nóbrega). É um acto de recriação, uma nova realidade, não um fantasma, não um espírito, mas outra coisa.

«Eu não sou o meu corpo»

«Outra coisa. Que justifica abordagens diferentes, mais profundas, e cósmicas, e sensíveis, e usadas.» «A luz da ciência nada sabemos (dr. Carreira das Neves). A ciência para, positiva, exige provas e contraprovas. E não temos nenhuma prova científica da vida para além da morte. Ultimamente estão em voga os livros do dr. Moody sobre as provas científicas de «a vida para além da vida» e os livros sobre o processo de regresso pelo processo da hipnose. A única coisa que podemos dizer é que ainda não são provas científicas, mas novos dados neste zuzzle interminável que é a vida e a morte.

«Estamos no plano físico, dá-se um choque eléctrico e um minuto depois continuamos os mesmos num plano diferente. O homem continua a que era antes, embora sem corpo; consciente dos sentimentos e pensamentos dos que lhe estão próximos, mas sem contacto físico.»

nossa irmã morte) e voluptia. «Há muitos anos, recordo-me (de novo) o dr. João dos Santos) uma mulher alcoetizada, que na sua época provocou grandes escândalos, foi levada para o hospital onde se trabalhava. Morreu com um sorriso nos lábios, a fazer trejeitos como o corpo, como no acto sexual. É bonito poder morrer-se assim!»

A morte é um retorno à natureza, reprodução (dr. Ana Cristina d'Arújo Vieira, historiadora e professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra). «Ela se duz, aproxima-se da voluptia. Tal como o amor suelta um frémulo.» O amor e a morte encontram-se sempre ligadas (dr. Amaral Dias). Na poesia de Camões, na de Eugénio de Andrade, na de Herberto

Quem morre não aparece, nem fala, nem escreve, nem telefona.

As conclusões «dos reencarnacionistas sobre os mesmos prodígios, sobre o «dejá vu» ou sobre as aparições ectoplásmicas, nada prova, se tomadas a sério, e passadas pelo crivo da crítica». Mas a reencarnação, que se manifesta em «varias correntes doutrinárias sempre more o pensamento de filósofos e pensadores. No hinduísmo, em Pitágoras e nos oráculos gregos; nos gnósticos cristãos dos séculos II-V, nos céstas medievais e em muitos pensadores actuais sob a forma de metempsicose. Ao fim e ao cabo dizem mais ou menos o que afirma o filósofo indiano Radhakrishnan. Partindo-se do princípio que as almas são eternas e que a sua condição normal é viverem

com os corpos percíveis e mortais, tem se afirmar que a alma para viver na sua condição normal, necessita de habitar os corpos existentes através dum ciclo de sucessões sem fim. O problema está no princípio filosófico: a alma é eterna. Platão também defendeu essa tese. Mas trata-se de uma asserção de tipo filosófico e religioso e não de tipo científico.»

O problema da vida para além da morte é um problema de fé e de religião, nunca um problema de ciência. Hoje vemos a morte como um acontecimento natural que tem a ver com a biologia, a medicina, a genética, a filosofia, etc., e não com os espíritos masus ou malféticos. O pensamento filosófico moderno dum Henri Bergson, dum Max Scheler, dum Gabriel Marcel, etc., conclui que a vida da consciência é qualitativamente diferente da vida cerebral. A vida mental vai para além da vida cerebral. Quem nega a imortalidade tem que provar o contrário. Mas há também quem vá mais longe, como é o caso do pensador inglês McTeargart, que afirma que o espírito não existe e espiritual, e que tempo e as suas mudanças são apenas aparências. Os gregos afirmaram que o que é próprio do homem e forma a sua pessoa não é idêntico ao corpo e a matéria. O corpo fornece apenas um lugar e uma oportunidade de acção ao seu humo. Gabriel Marcel, como Sócrates, afirma: Eu não sou o meu corpo. Pessoalmente, diria que o problema não está na morte mas na vida. Ou então, como Platão, diria que o problema não está na morte como acto, mas estado, mas na morte como acto, com tudo aquilo que ele significa em relação a vida.»

Reconstituição da «viagem» após a morte

O médico norte-americano Raymond Moody investigou, durante muitos anos, casos de pessoas que estiveram clinicamente mortas. Concluiu, então, existirem várias descrições feitas 15 pontos comuns, a partir dos quais reconstituía a «viagem» do que chama «ante morte», sintetizada depois no livro «Vida depois da Vida».

«Um homem está prestes a morrer — escreve — e, ao atingir o ponto máximo do sofrimento físico, ouve o decélio do morto. Começa a ouvir um ruído desagradável, como uma campainha tocando muito alto, e ao mesmo tempo sente-se em movimento rápido através de longo túnel. Depois encontra-se fora do seu corpo físico, em sua alma no ambiente físico imediato e vê o seu corpo a distância, na

posição de espectador, assistindo assim às tentativas de reanimação, numa situação vantajosa e invulgar, sob um estado emocionalmente complexo. Passado algum tempo, acalma-se e começa a habituar-se à sua nova condição, verificando que tem um corpo, mas de natureza e possibilidades muito diferentes das do corpo que acabou de deixar. Em breve começa a suceder outras coisas. Vem no seu encontro seres que o ajudam e vê os espíritos de parentes e amigos mortos. Um ser cheio de amor, de uma espécie nunca encontrada um ser de luz — surge diante dele. Este ser obriga-o, não verbalmente, uma pergunta que se faz-lhe a avaliar a sua vida e ajuda-o mostrando-lhe a visão panorâmica dos principais acontecimentos por que passou antes de morrer. Então encontra-se perto de uma espécie de barreira, ou fronteira, que aparentemente representa o limite entre a vida terrena e a que a ela se segue. No entanto, percebe que tem de regressar à terra, que a sua hora ainda não chegou. Nesse ponto resiste, pois agora a sua experiência no Além fascina-o e não deseja voltar. Sente-se inundado por uma intensa sensação de paz, alegria e amor, mas apesar disso, reencontra o seu corpo físico — e vive. Mais tarde tenta contar aos outros, mas sente dificuldade em fazê-lo. Em primeiro lugar não consegue encontrar palavras adequadas à descrição destes episódios extraordinários. Compreende que os outros duvidam, não se refere mais ao assunto, mas a experiência afecta profundamente a sua vida.

A morte dos outros é também a nossa

Porque sofremos, nos sentimos mutilados e vazios com a morte dos que a amamos? Porque perdemos a quem estávamos afectivamente ligados? responde o dr. Coimbra de Matos. «Mas não só por isso. Sofremos e choramos também por nós próprios, porque com a morte de alguém querêdo é também um pouco da nossa própria vida que morreu. Choramos sem dúvida a morte dessa pessoa, mas mesmo igualmente pena de nós porque o seu desaparecimento constitui uma parte da nossa história pessoal que desaparece e que, desde então, só a memória pode imaginariamente reconstituir.»

Com essa morte outras mortes ocorrem, mortes de outros já mortos, que a memória da primeira mantém vivos, e morte também de pessoas vivas. Para uma pessoa querida que nos morre, somos nós que também morremos e ela. E sofremos por isso, e por isso também choramos. Já não podemos dizer-lhe o



João dos Santos: «A morte não existe, é um mito, é uma fantasia nossa»

que gostaria de lhe dizer e que nunca lhe foi dito, nem poderíamos mais manifestar-lhe o amor que, afinal, poderíamos ainda dar-lhe e que não foi suficientemente expresso ou manifestado, e arrendemo-nos, e culpabilizamo-nos. Dai o remorso, a culpa e o desejo de reparação! Desgarijamos, desgarijamos, um reencontro, uma nova oportunidade. O desejo desse reencontro prolonga-se ou projecta-se no tempo, activa a imaginação, está na base da esperança e da actividade projectiva.»

Fazer amor com os mortos

Surge então a recusa do luto, da imobilidade e das trevas. É da separação, nos Estados

Unidos, por exemplo, começa a recuperar-se a atmosfera de festa que em povos da Antiguidade envolvia as cerimónias do passamento. Os cemitérios, os funerais ganhavam, ali, cor e música, e convívio, na tentativa de sobrepôr a vida à morte, na ilusão de vencer o desconhecido.

Os técnicos ditas (nissos) refinam-se. Os cadáveres são injectados de formol, maquiados e postos nos lugares que ocupavam nas suas casas. Famílias em número crescente têm hoje os seus mortos sentados à mesa, recostados nos espaldos de sempre. «Cassettes reproduzem-lhes as vozes, os sorrisos, num delírio de encaenação que, diz-nos o prof. Amaral Dias, merece ser profundamente reflectido.»

A nova religião dos mortos-presentes chega, entretanto, à Europa e infiltra-se já em França. Depois de se guardarem em casa as caixas com as cinzas dos desaparecidos, surge a estranha possibilidade de os ter, em pessoa. De se poder contatar a falar com eles, a afagá-los, a fazer (talvez) amor, a probrar junto do si apaziguamento.

A morte passa a ser quotidiana e corporizada. O homem dela é vencido pela caricatura dela. O medo, que a não domina, tenta, desesperadamente, humilhá-la. Uma civilização de cadáveres velados/centrados os vivos. D. Inês, depois de morta, é, um belíssimo gesto de amor, coroada rainha; moribundo, Salazar governará durante meses, por consentimento aterrorizado, um país de ficção.

A euforia final dos suicidas

A rebelião contra a morte convive com a sua atracção. Com a sua procura. (Duas pessoas suicidaram-se por dia em 1981. «Ela quem se mate (João dos Santos) com medo da angústia da morte.» Sim, há muitos casos de pessoas (Amaral Dias) que desejam fazer amor com mortos.)

A motivação para desear a morte deduz-se da vivência depressiva (Coimbra de Matos). A partir de determinada altura zorganizam-se o componente mais ou menos mórbido a sua bondade, o seu estio valioso que no futuro — nem que seja além da morte — será seguramente (pena-o) reconhecido e retribuído. E é neste contexto, imaginário e afectivo, que se iniciam, inúmeras vezes, as lições — o que explica a euforia, a boa disposição que, nestes casos, se observa, no momento que antecede o acto último e completo de renúncia.

O indescifrável mistério da morte tem feito a razão dos sacerdotes do oculto disseminados



A morte sempre foi uma coisa que me fascinou — Amarel Dias, director do colóquio

por igrejas e conselheiros, religiosos e disciplinados, na tarefa inócua de apaziguar os mais frágeis. É todo um esforço que se faz para encontrar a evidência da morte (João dos Santos) para se compreender de que a morte existe. No fim da assistência, espiritual ou psiquiátrica, as pessoas não perdem, o medo da morte, mas têm dela uma visão mais real. Esta angústia-crística sval-se, no entanto, atenuando com a fé.

O homem ou tem o sentido da morte ou está votado ao desespero (António Vaz Pinto). Aquele que vive sem esperança vive no pavio da morte, não tem nem sequer esperança para lá da morte até porque o homem é um ser religioso. O que o define como tal são as coisas muito profundas, que estão para lá do conhecimento, e do futuro que se interpreta o pre-

sente e o passado. A História é construída em direcção à morte.

A cultura terrena, porém, ser uma maneira de reagir à morte (Ana Cristina Vieira) já que cumprir todos os rituais da morte significa bem morrer. Os anjos fizeram no melhor do que nós, com os seus cemitérios colocados no centro das terras, as suas igrejas transformadas em necrópoles. Chegam a ser chocante a promiscuidade, nesses aglomerados, entre vivos e mortos.

A morte e o amor banalizam-se...

Depois dos cemitérios foram para as periferias



«A morte tem um sentido vital, sagrado, que gera vida. Como o amor» — A. Vaz Pinto

rias». As pessoas deixaram de morrer em casa, rodeadas pela família e pelos amigos. Passaram a morrer sózinhos nos hospitais, e enterros foram descharacterizados, já não há o díscor dos sinos nem o acompanhamento a pé, os carros funerários atravessam anónimos as ruas indiferentes, as crianças não vêm morrer nos seus quartos grandes, durante noites de vigília, lágrimas, velas, bolos e cheiros. O extraordinário mistério da passagem perde-se sem comunhão, sem ritual. «A morte, como o amor, banalizam-se (Amaral Dias) isso é preocupante porque empobrece o nosso imaginário.»

A sociedade de consumo apresenta receitas fáceis e fétidas de anestesia — para a morte e para o amor. Corta a primeira cada vez mais cara e o segundo mais barato, forma subtil de tornar ambos mais rentáveis — e nós mais angustiados, mais perdidos de vida e do outro, uma e outro que são a nossa essência, o nosso sagrado.

Extraordinário depoimento de Alberto Vaz da Silva

Amar na morte a curiosidade pela nova vida pode ser, neste contexto, um incentivo ainda possível. Para isso, o extraordinário depoimento que, a propósito do colóquio que referimos, nos deu o dr. Alberto Vaz da Silva, advogado astrólogo.

«A morte é uma das coisas que melhor conhecemos. A experiência de uma casa quente e cheia de luz onde estamos com o que nos são queridos e que de repente temos que abandonar e trocar pelo frio da morte. Sozinhos, cheios de medo, inseguros.

E no entanto, todos os noites morremos um pouco. Quem sabe por onde andamos durante o sono? Só sabemos que não nos lembramos — nem da perda de consciência, nem do intervalo. A morte é só um intervalo mais longo do que o sono.

Do sono volta-se uma hora depois para o mesmo corpo, porque se não quebrou a corda de ligação. Da morte volta-se a outro corpo quando já se soube que o tempo não existe, porque se rompeu aquilo a que o Eclesiastes chamava o cordão de prata.

Morremos muitas vezes, e muitas mais havemos de morrer. A morte é essencialmente um problema de consciência. Estamos no plano físico, dá-se um choque eléctrico e um minuto depois continuamos os mesmos num plano diferente. Só é um cataclismo para quem pensa que é o fim de tudo o que se foi e gostou.

O homem continua o que era antes, embora sem corpo; consciente dos sentimentos e pensamentos dos que lhe estão próximos, embora sem contacto físico.

De um ponto de vista de doutrina esotérica, a morte não existe. É a separação entre uma forma que cumpriu a sua missão e um espírito que continua o caminho para uma vida mais plena. Essa vida inclui a continuação do trabalho anterior e a preparação do futuro. A cessação de velhas formas abrange não só indivíduos, mas também civilizações que ciclicamente vão vir, ensinamentos religiosos que deixam de servir as necessidades espirituais de um presente, processos educativos que deixam de promover a natureza evolutiva

do homem e ideologias políticas que a partir de certo momento mais não fazem do que iludir e prender.

Descartado o corpo físico, o homem percebe depois de uma série de transformações o sentido das suas vidas passadas e vê o futuro, já que a profecia é um dos atributos da alma. Contempla a longa paisagem que se estende para os dois lados do Ser, compreende o significado do que amou e odiou, das afinidades electivas, do grande trabalho colectivo. E começa a preparar a próxima vida, a criar o novo vórtice magnético que lhe trará um novo corpo, uma nova raça, família, credo, talento. Como a larva se faz casulo. E embora na nova imersão na matéria lhe seja outra vez negada a memória do todo, um ponto central, a sonda, contém o fio do registo e dinamiza o processo.

Renascimento no signo em que se morreu

A astrologia esotérica concebe a humanidade de como um dos centros do planeta Terra e tenta o horóscopo das almas, do Profeta que se cumpre. A interpretação do horóscopo é diferente segundo o grau de evolução do sujeito e a intenção e o estudo das energias físicas, emocionais e mentais que constituem o equipamento de um indivíduo num momento dado. O fim último de cada encarnação, preparação da próxima, é dado por um conjunto de factores ligados ao signo Ascendente. Assim se recruta uma cadeia ininterrupta, já que se renasce no signo em que se morreu na vida anterior. Futuros iniciados, a funcionam! num registo superior da intuição, poderão erigir o horóscopo de um Planeta, do Sol ou de um Sistema Solar — mas tais tarefas são ainda impossíveis hoje, prisioneiros que somos da grande ilusão. A medida em que for deixando de encontrar a morte como uma limitação, o astrólogo do futuro acederá progressivamente à visão da Vida integral em que se desdobra o Espaço — e entrará a considerar não só as energias dos planetas do sistema solar e das constelações do zodíaco, mas também as dos sete sistemas solares de que o nosso é um e das restantes constelações. Novos planetas serão ainda provavelmente descobertos à volta do Sol, transmissoras da progressiva linguagem de libertação.»

Seria bom, entretanto, que «fossem capazes de criar a nossa própria morte (uma vez João dos Santos) como às vezes somos capazes de criar a nossa vida.»